

O CONCEITO DE TRAGÉDIA EM FRIEDRICH SCHILLER A PARTIR DOS ENSAIOS: SOBRE “A ARTE TRÁGICA” E “SOBRE O PATÉTICO”

David Angelo Oliveira Rocha¹⁴

Resumo: O artigo tem como objetivo entender a interpretação de Schiller sobre a tragédia na modernidade. Levando em consideração a concepção aristotélica que a tragédia é a imitação de uma ação e que desperta medo e compaixão nos espectadores por assistirem o sofrimento do herói trágico, conceito que estava em voga no período de Schiller, será abordado se Schiller após o contato que teve com a obra *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790) de Immanuel Kant abandonou o conceito aristotélico de tragédia ou qual a genialidade que aparece no conceito de tragédia feita por Schiller.

Palavras-chave: tragédia; sublime; Aristóteles; moral; Schiller.

Resument: El artículo tiene como objetivo comprender la interpretación de Schiller de la tragedia en la modernidad. Teniendo en cuenta la concepción aristotélica de que la tragedia es la imitación de una acción y que despierta miedo y compasión en los espectadores al ver el sufrimiento del héroe trágico, concepto que estuvo en boga en la época de Schiller, se abordará si Schiller tras el contacto que tuvo con la obra *Crítica de la facultad del juicio* (1790) de Immanuel Kant abandonó el concepto aristotélico de tragedia o lo genio que aparece en el concepto de tragedia de Schiller.

Palabras llave: tragédia; sublime; Aristóteles; moral; Schiller.

Introdução

No livro *Ensaio sobre o trágico*, Peter Szondi afirma que “desde Aristóteles há uma poética da tragédia; apenas desde Schelling, uma filosofia do trágico” (SZONDI, 2004, p.23). Peter faz esta afirmação porque na obra *Poética* de Aristóteles (384-322 a.C.) temos uma apresentação sobre os elementos técnicos que compõem uma tragédia e não uma ideia como os modernos interpretavam. Uma análise sobre as tragédias gregas rotulando-as como trágicas é

¹⁴ Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Batista (Ilhéus/BA), graduação em Teologia pelo Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição e pós-graduação em Ciências da Religião pela FAPLAC (Goiás). Atualmente é mestrando em Filosofia pelo programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: davidfenix2010@gmail.com.

algo dos séculos XVIII-XIX dentro do contexto alemão. É sabido que nos séculos XVIII na Alemanha surge um forte interesse pelos gregos no que toca a arte, filosofia, educação e outros temas, servindo de luzes para o homem moderno que estava passando por um momento de crise em todos setores que compõe uma sociedade. Neste retorno aos gregos, no que toca ao aspecto das tragédias gregas, surge uma dupla interpretação que acarreta uma dupla tradição segundo Dalla Vecchia: “o “poético” e o “filosófico”, e na esteira deles, duas tradições: uma antiga, grega, aristotélica; outra moderna, alemã, idealista” (DALLA VECCHIA, 2018, p. 135). A concepção técnica de tragédia que aparece na obra *Poética* de Aristóteles foi a que norteou muitos pensadores dos séculos XVIII-XIX e despertou também o interesse em entender melhor a tragédia grega, sua função, origem, procedimentos artísticos etc.

No capítulo 6 da obra *Poética*, Aristóteles define tragédia como “a imitação de uma ação séria” (2011, p. 49) e mais adiante no mesmo capítulo acrescenta que “a tragédia não é a imitação dos seres humanos, mas da ação e da vida, da felicidade e infelicidade” (ARISTÓTELES, 2011, p. 50). A tragédia apresenta o tema do sofrimento, culpa, contradição, incerteza etc, e nesse contexto Aristóteles vê a tragédia como uma arte que purifica (catarse) as emoções do homem por despertar nele a “compaixão e o medo” (ARISTÓTELES, 2011, p. 58). Aqui temos os elementos que serão levados em consideração pelos filósofos-poetas que escreveram tragédias nos séculos XVIII-XIX: imitação da vida, despertar medo e compaixão e mostrar que a vida é um imenso mar de contradição.

Um outro tema que aparece nas tragédias gregas é a relação entre liberdade e destino na vida do herói trágico. É o dilema que o herói trágico tem que travar. Segundo Gaio, em seu artigo “A tragédia ática e o teatro de Schiller”, informa que uma das coisas que deve ser destacada dentro da poesia trágica “é a tensão entre “livre escolha” e “contingência” ” (GAIO, 2017, p. 95). O herói trágico sente que a única liberdade que tem é de viver o seu declínio sendo passivo ao que o destino lhe preparou. Segundo Jaeger ao comentar sobre como o tema da liberdade é visto pelo poeta Eurípides, afirma que o homem é “forçado a reconhecer a sua absoluta carência de liberdade” (JAEGER, 1995, p. 409). Jaeger afirma que em Sófocles e Ésquilo temos o tema da culpa que aparece no herói trágico, no caso de Eurípides, levado pela novidade da sua época que era a aderência a retórica sofista, filosofia e ideia burguesa (1995, p. 399), lança sua crítica apresentando em seu herói trágico algo mais psicológico isentando de culpa pelas suas ações, como aparece na personagem Medéia, e isso levou a ser reconhecido pelo próprio Aristóteles como “o mais trágico dos poetas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 61).

Nos séculos XVIII-XIX, a *Poética* continuou servindo de referência para poetas, filósofos, historiadores, seja no aspecto de estudos sobre o livro ou para obter luzes no que toca

a tragédia como aquela que mostra o trágico, e por tratar do trágico, destacamos Schiller a fim de entender a sua visão sobre a tragédia para a modernidade.

O filósofo, dramaturgo e médico Friedrich Schiller (1759-1805) começou sua vida poética participando do movimento romântico *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto) como uma reação ao racionalismo que caracterizava o Iluminismo. Autor de várias peças tendo como destaque *Os Bandoleiros* que foi encenada em 1780 sendo bem aceita pela sociedade alemã. É a partir de 1790 que Schiller começa a publicar artigos na revista *Neue Thalia* que apresentam sua visão antropológica e ao mesmo tempo artística sobre o homem e a sociedade. A união entre filosofia e estética, estética e ética é algo que caracteriza o pensamento filosófico e artístico de Schiller. Neste ano de 1790, Schiller tem contato com a obra *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant, e neste encontro ocorre uma reviravolta sobre a sua visão filosófica e estética. O conceito de belo e sublime, somado à temática da liberdade, foram os elementos que levaram Schiller a aperfeiçoar o que Kant começou no campo da estética filosófica.

Na apresentação do livro *Objetos trágicos, objetos estéticos*, Pedro Sússekind, afirma que entre 1792 e 1793, Schiller publica os seguintes ensaios na revista *Neue Thalia*: “Sobre o fundamento do deleite com os objetos trágicos, Sobre a arte trágica, Sobre o patético e Observações dispersas sobre diversos objetos estéticos” (SÜSSEKIND, 2018, p. 10). Neste artigo será contemplado o ensaio “Sobre a arte trágica” e “Sobre o patético” porque estes servirão para mostrar a proximidade e aparente distância de Schiller sobre o conceito de tragédia de Aristóteles e a genialidade de Schiller após o contato com a filosofia de Kant que aparece sobre o seu entendimento da tragédia. O problema que buscamos solucionar é se Schiller após o contato com a obra *Crítica da Faculdade do Juízo* de Immanuel Kant abandonou o conceito aristotélico de tragédia por completo.

Schiller e sua proximidade ao conceito de tragédia de Aristóteles

A partir de 1790 Schiller tem contato com a filosofia de Immanuel Kant através da obra *Crítica da Faculdade do Juízo* gerando uma revolução que toca no aspecto estético-filosófico, a partir deste ano, o tema do transcendental e do sublime leva Schiller a aprimorar o seu conhecimento sobre a tragédia e a sua filosofia do trágico. No artigo “Objetos trágicos, objetos estéticos” de Vladimir Vieira, o contato de Schiller com a obra *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant, foi em 1791, a fundamentação para tal argumento consiste nas cartas direcionadas a Körner e “[...] que, até o final do ano, Schiller tenha incorporado ideias desse autor quando deu forma final

aos artigos para publicação na *Neue Thalia*” (VIEIRA, 2018, p. 148). Segundo Vieira, só a partir de 1792 Schiller redireciona a visão sobre a tragédia para o campo do sublime (2018, p.149).

No periódico *Neue Thalia* entre 1792-1793, Pedro Süssekind na introdução da obra “Objetos trágicos, objetos estéticos” de Friedrich Schiller, afirma que foram publicados os seguintes ensaios: “ ‘Sobre o fundamento do deleite com objetos trágicos’, ‘Sobre a arte trágica’, ‘Sobre o patético’ e ‘Observações dispersas sobre diversos objetos estéticos’ ” (SÜSSEKIND, 2018, p. 10). Schiller no início do seu artigo “Sobre a arte trágica”, afirma que existe um ‘mistério’ no ser humano por apresentar uma certa atração por histórias que narram o sofrimento de uma pessoa. Quando narra o triste, o feio, o horripilante, surge no espectador uma mistura de prazer e desprazer (SCHILLER, 2011, p. 39). O feio que aparece no personagem trágico ensanguentado, ferido ou morto parece ter um ‘charme’ que gera uma mistura de emoções no ouvinte ou espectador. O personagem que apresenta um vício chama mais a atenção que o virtuoso. É uma contemplação que é ao mesmo tempo prazerosa sobre o feio. O espectador é levado pela curiosidade a querer saber qual a causa do sofrimento e dor daquele herói trágico. Neste momento, ao ser tocado pelos sofrimentos do herói trágico, brota no espectador a compaixão e o medo. Percebemos aqui uma proximidade com a visão de Aristóteles sobre a tragédia que defendia que esta arte poética deveria suscitar no espectador a compaixão e o medo (2011, p. 62). Isto significa dizer que Schiller leu a obra *Poética* de Aristóteles? Não. Desde 1730 na Alemanha o livro *Poética* estava sendo lido e estudado por filósofos e artistas e as ideias de Aristóteles estavam norteando a visão artística e filosófica no Ocidente. Segundo Gaio, “apesar de Schiller ter lido a *Poética* provavelmente apenas em 1797, quando algumas de suas ideias fundamentais sobre estética já haviam sido formuladas, era inegável sua familiaridade com as principais noções ali apresentadas [...]” (GAIO, 2017, p. 81).

Schiller observou que a tragédia ao trazer a tona o sofrimento ao palco, ela joga aos olhos e ouvidos do espectador moderno o tema moral da compaixão. O teatro é um local propício para uma purificação do egoísmo e inclinações que levam o homem na sociedade em se tornar selvagem. A tragédia poderia servir como uma educação estética sobre o sensível (sentimentos) e o impulso formal (razão), levando os espectadores a terem compaixão pelo sofrimento alheio. É justamente este ensino que a tragédia proporciona ao homem (SCHILLER, 2011, p. 60). Ao ver o herói trágico sucumbindo pela situação e ao mesmo tempo não se entregando ao mal, deve suscitar no homem esta harmonia entre razão e sensibilidade. É este bom relacionamento entre liberdade e as leis externas que Schiller acredita na arte de encontrar esse poder de humanizar o humano.

Qual o conceito de tragédia para Schiller que aparece no ensaio “Sobre a arte trágica”? Lembrando que Schiller está próximo ao conceito de Aristóteles sobre tragédia, assim afirma o germânico: ‘A tragédia seria, por conseguinte, a imitação poética de uma série concatenada de eventos (de uma ação completa) que nos mostra seres humanos em um estado de sofrimento e que tem por propósito incitar a nossa compaixão’ (SCHILLER, 2011, p. 61). Percebemos a proximidade do conceito de tragédia de Schiller com o conceito aristotélico que interpreta a tragédia como imitação de ações da vida dos homens que passam pela luta moral no sofrimento. Isso ocorreu porque era a ideia em voga na época de Schiller. Chama atenção a precisão no conceito de Schiller sobre tragédia por apresentar o objeto da arte trágica: seres humanos. Na concepção de Schiller, seres abstratos como fantasmas, demônios, estes não podem representar a luta do homem dentro do aspecto moral. Não existe num fantasma a luta interna entre razão e sentimentos. Para despertar a compaixão pelo sofrimento do outro é preciso que a arte trágica trate sobre o ser humano, caso contrário, não desperta a compaixão: “o conceito de sofrimento – e de um sofrimento que devemos compadecer – já determina, em geral, que apenas ‘seres humanos’ no pleno sentido dessa palavra podem ser dele objeto” (SCHILLER, 2011, p. 65). Mas este conceito sobre a tragédia permanece no artigo “Sobre o patético”?

Schiller e sua proximidade a estética kantiana

No início do artigo “Sobre o patético” Schiller demonstra sua reelaboração da concepção de tragédia de Aristóteles: “O fim último da arte é a apresentação do suprassensível, e a arte trágica põe isso particularmente em obra na medida sensível para nós a independência [*Independenz*] moral em relação às leis naturais do estado do afeto” (SCHILLER, 2011, p. 69). O termo ‘suprassensível’ surge devido às leituras de Schiller em relação ao conceito de sublime apresentado por Kant. Segundo Machado, o homem ao ser impactado por algo sublime produz dois aspectos no interior humano: “por um lado, a impotência da imaginação em apresentar o infinito; por outro lado, a revelação, decorrente desse fracasso, da potência supra-sensível da razão” (2006, p. 62). Quando Kant trata sobre o sublime¹⁵ ele utiliza como exemplos ações da natureza como a contemplação do mar, montanhas, situações em que o homem contempla, sente

¹⁵ Kant aponta dois tipos de sublime: O Sublime matemático e o sublime dinâmico. O sublime matemático é algo que vai além da imaginação. Difícil encontrar algo que possa comparar por ser algo grandioso. O sublime dinâmico o objeto tem que gerar o medo no contemplador. Mas para ser dinâmico o contemplador tem que se sentir seguro no local onde está. Sente medo, mas não é dominado pelo medo que vem do externo. Por exemplo: A pessoa que contempla de um prédio um mar revolto.

sua pequenez diante da imensidão que está envolvido. Schiller aproveita essa sensação de sublime e transfere para a tragédia. O palco é o local onde o espectador sentado em sua poltrona está seguro e ali ele contempla no palco a vida humana sendo representada através de um drama. Quando o homem tem essa experiência do sublime onde a imaginação fracassa por acompanhar algo que é grandioso, as palavras fogem para expressar a sensação arrebatadora ao ser tocado pela arte trágica, é o momento em que o espectador está vivendo a liberdade através da tragédia. Está aprendendo através de um divertimento prazeroso sem a imposição de leis o valor da compaixão. Schiller traz à tona o que norteia a visão estética de Kant: o belo e o sublime. Estes dois elementos tocam o que o ser humano quer sentir ao contemplar algo na vida: prazer. Schiller interpreta o teatro como o lugar onde o espectador ao contemplar a tragédia aprende de forma lúdica o valor da compaixão pelo prisma estético. Através da tragédia o espectador pode se autoformar por ser tocado na consciência, purificando-se das inclinações que pendem a ações selvagens e egoístas. O sublime na tragédia, aparece quando o herói trágico resiste de forma física e moral até o último momento e o espectador tocado pelo sofrimento do herói é levado a essa sensação de sublime, ou seja, mesmo sendo destruído, pisado, não perde sua dignidade de ser humano. Quando Schiller faz questão em tratar sobre a presença do sofrimento dentro de uma tragédia, provavelmente, é para lançar uma crítica aos dramas franceses que não apresentavam o sofrimento nas tragédias:

O pathos é, portanto, para o artista trágico a exigência primeira e implacável, sendo-lhe permitido impulsionar a apresentação do sofrimento tão longe quanto possa ocorrer sem desvantagem para o seu fim último, sem repressão da liberdade moral. Ele tem de dar, seja a seu herói ou ao seu leitor, toda a plena carga do sofrimento; caso contrário, permanece sempre problemático se sua resistência a ele é uma ação do ânimo, algo positivo, e não muitas antes meramente algo negativo, uma falta. Esse último é o caso no drama trágico dos antigos franceses, em que muito raramente, ou nunca, temos à vista a natureza que sofre¹⁶, vindo antes na maioria das vezes apenas o frio poeta declamatório, ou ainda o comediante que anda sobre pernas de pau. (2011, p. 70).

O teatro não é visto como uma arte qualquer porque a arte tem poder para a consciência moral do homem. Mas Schiller demonstra que a arte tem um poder e que pode ajudar a humanizar o homem quando o sistema da sociedade está em colapso levando o homem a se transformar numa besta selvagem devido a uma petrificação do oposto da compaixão: o egoísmo.

Mesmo quando deixar de ser pregada toda e qualquer moral, quando nenhuma religião mais encontrar fé e cessar de existir qualquer lei, ainda então Medéia nos fará estremecer, descendo cambaleante as escadarias do palácio, depois de ter sido consumado o infanticídio (SCHILLER, 1991, p. 34 apud GAIO, 2017, p. 99).

¹⁶ Foram preservados os itálicos, conforme aparece no livro.

Ainda sobre a importância do teatro como um meio para a moralização do homem, temos no entendimento de Machado:

O teatro, espaço da imaginação, da representação, é quando e onde se está em segurança física diante da apresentação do sublime. E, neste sentido, ele tem uma função educativa. Ele educa para a liberdade, pois a visão da força moral dos heróis das tragédias, como Laocoonte, com a livre escolha que o leva à morte, transformando o pavoroso em sublime, ensina a lidar com os sofrimentos sem a eles nos entregarmos (2006, p. 71-72).

Provavelmente, Schiller ao enxergar o teatro como uma forma de educar o homem apresenta uma visão aristotélica por enxergar o palco como um meio de purificar o homem das inclinações selvagens. Como acontece essa purificação? Na citação anterior, Schiller colocou como analogia a personagem Medeia que é uma tragédia grega escrita por Eurípedes (480 a.C. -406 a.C.), nesta peça, Medeia foi abandonada por Jasão para ficar com outra mulher e leva os dois filhos de Medeia. Medeia comete vingança. Mata a nova esposa de Jasão através de uma roupa envenenada dada pelos próprios filhos e logo em seguida mata seus dois filhos que são duas crianças. A purificação está quando o espectador ao ver as consequências de uma decisão bárbara e selvagem quando esta mãe assassina seus próprios filhos para se vingar do marido. A apresentação de um herói trágico que devido a uma péssima escolha realiza ações destrutivas e depois tem de arcar com as consequências de seus vícios, é algo que Schiller chama a atenção como um tema que pode ajudar a humanizar a pessoa e a sociedade através da tragédia. No ensaio “Sobre o patético”, Schiller conclui tratando sobre Medeia mais uma vez e como a luta entre entendimento e imaginação leva a liberdade:

A vingança, por exemplo, é indiscutivelmente um afeto ignóbil, mesmo baixo. Apesar disso ela se torna estética tão logo custe àquele que a exerce um sacrifício doloroso. Ao assassinar seus filhos, Medeia, visando com essa ação ao coração de Jasão, dá simultaneamente uma dolorosa cutilada em seu próprio [coração]; sua vingança torna-se esteticamente sublime logo que vemos a terna mãe.

O juízo estético contém, nisso, mais do verdadeiro do que crê habitualmente. Vícios que dão testemunho de força de vontade anunciam manifestamente uma maior índole para a verdadeira liberdade moral do que virtudes que tomam de empréstimo um apoio da inclinação. [...]

Em juízos estéticos, portanto, estamos interessados não na eticidade por si mesma, mas antes meramente na liberdade, e a primeira só pode agradar nossa faculdade da imaginação na medida em que torna visível a segunda (2018, p. 102-103).

Schiller interpreta que o teatro é um meio de ensinar o homem sobre o que é a existência e ao mesmo tempo ensinar ao homem sobre seu papel como cidadão que está inserido numa sociedade:

Formar moralmente o ser humano e incendiar o sentimento nacional no cidadão é, com efeito, um encargo muito honroso para o poeta [...]. A poesia pode se tornar para o ser humano o que o amor é para o herói. Ela não pode nem aconselhá-lo, nem golpear junto com ele, nem ainda fazer por ele um trabalho; mas pode educá-lo a ser um herói, pode chama-lo a atos e equipá-lo, com a força, para tudo o que ele deve ser (SCHILLER, 2018, p. 100-101).

Por isso, a preocupação de Schiller sobre o teatro e a tragédia, porque a arte trágica carrega esse poder de formar o homem para vida humanizando-o, abrindo a visão que o mesmo está inserido numa sociedade, e que a partir das suas decisões, ter a consciência que sempre vão afetar o outro seja de forma positiva ou negativa.

Considerações Finais

Perante a explanação sobre o valor da tragédia que começa desde Aristóteles e com a genialidade de Schiller em unir a tragédia como forma de humanizar o homem somado o conceito de belo e sublime de Kant, o que a estética schilleriana tem a oferecer ao homem do século XXI? A visão de Schiller dentro do contexto abordado neste artigo sobre o valor do teatro e a tragédia que passa pela imitação de ações “[...] que nos mostra seres humanos em um estado de sofrimento e que tem por propósito incitar a nossa compaixão” (SCHILLER, 2011, p. 61), leva a uma capacidade de transfiguração do feio, horrível e o sofrimento à descoberta do belo e sublime. Schiller oferece a possibilidade de perceber o quanto a arte tem poder de ajudar o homem a virar os olhos para dentro de si e perceber que necessita travar uma luta consigo mesmo para encontrar a harmonia entre o dever e a inclinação para a bestialidade.

A missão de Schiller é sensibilizar o homem civilizado para as suas inclinações e seu dever. Diante disso, surge uma pergunta: Quanto tempo vai levar para o homem humanizar a si mesmo? Em sua grande obra, *A educação estética do homem* publicada em 1794, na carta VII, diz que é “[...] uma tarefa para mais de um século” (SCHILLER, 2002, p. 44). *Incipit tragoedia*¹⁷.

Referências bibliográficas

¹⁷ Termo em latim que significa ‘Inicie a tragédia’.

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- DALLA, V. Ricardo B. “Filosofia da Tragédia – Tragédia da Filosofia”. In.: DAMIÃO; Carla Milani e ALMEIDA, Fábio Ferreira de (orgs). *Estética em Preto e Branco*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018. p. 130-152.
- GAIO, G. G. “A tragédia ática e o teatro de Schiller”. *Revista Ars Historica*, v.14, p. 80-101, Jan/Jun 2017.
- JAEGER, W. W. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução: Artur M. Parreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MACHADO, R. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SCHILLER, F. *A educação estética do homem numa série de cartas*. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas: Márcio Suzuki. 4.ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- SCHILLER, F. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. Organização e tradução: Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- SÜSSEKIND, P. “Apresentação”. In.: SCHILLER, Friedrich. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. Organização e tradução: Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- VIEIRA, V. “Objetos trágicos, objetos estéticos”. In.: SCHILLER, Friedrich. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. Organização e tradução: Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.